

Maria Regina Vannucchi Leme *

**HEGEL: PRETENZA
SUPERIORIDADE EUROPÉIA E O
DESCONHECIMENTO DA ALTERIDADE**

* Mestranda em Filosofia da Educação - UNIMEP e Professora de História no Colégio Dom Aguirre de 1º e 2º graus.

ABSTRACT

The purpose of the present work is to expose the alleged European superiority and the despising of the Latin American otherness.

According to this outlook, let's recall that right after the throwing of the last Arabian Caliphate out of the Iberian Peninsula – with whom they had conflicted for almost eight centuries – the Europeans turned their concerns towards the American Continent where they eventually came to land and to colonize.

This way, an extremely warlike, catechist, scriptural and linear people came into collision with another strangely rhythmical, sensual, analogical and oral one.

This phenomenon – the shock of different cultures and ethnology – has not been well analysed so far. Juan Goytisolo writes about this in his “El Language del Cuerpo” : “Hasta la fecha, ningún historiador o ensayista ha calibrado como se debe la importancia de este fenomeno y su formidable impacto en la configuración mental y vital del país”.

Keeping this in mind, we have written this work, as a contribution to the understanding of this shock of cultures, adding an extensive bibliography, worth researching.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é denunciar a pretensa superioridade européia e o desprezo da alteridade latino americana.

Nessa perspectiva recordemos que imediatamente após a expulsão do último califado árabe da península ibérica – com quem conflitavam há quase oito séculos – os europeus voltaram suas preocupações para o continente americano onde terminaram por aportar e colonizar.

Dessa forma, um povo extremamente bélico / catequista / escritural / linear entra em choque com outro estranhamente rítmico / sensual / analógico / oral.

Este fenômeno – encontro de etnias e culturas diferentes – até hoje não foi bem analisado. A propósito escreve Juan Goytisolo em “El language del cuerpo” : “Hasta la fecha, ningún historiador o ensayista ha calibrado como se debe la importancia de este fenomeno y su formidable impacto en la configuración mental y vital del país”.

Assim sendo, é em nível de contribuição para a compreensão desse encontro de culturas que escrevemos este trabalho, adicionando uma rica bibliografia digna de ser pesquisada.

“América, tens mais sorte que nosso velho continente; não possuis castelos em ruínas, nem basaltos. Tua alma não te molesta, para viver, com lembranças inúteis e recordações sem sentido. Goza do presente ditosamente. E quando teus filhos poetarem, que uma sorte feliz lhes evite histórias de cavaleiros, ladrões e fantasmas”.

Goethe

I - O CONCEITO DE HISTÓRIA E DE ESPÍRITO ABSOLUTO PARA HEGEL

Hegel é o primeiro – juntamente com outros seus contemporâneos a ter a intuição de que o homem, assim como toda a realidade, inclusive Deus, é essencialmente histórico. Para melhor esclarecer : Hegel tem a tese central segundo a qual a história é um processo pelo qual o espírito se manifesta, se reconhece e se realiza.

O espírito na medida em que se manifesta, ele se reconhece nas suas próprias manifestações; e na medida em que se reconhece, se realiza.

Temos aí a tríade dialética : manifestação, reconhecimento, realização.

Hegel compreende por Espírito Absoluto a razão humana, isto é, a humanidade e sua cultura. Tudo o que existe no mundo e que não é natureza, é obra do espírito, portanto, as formas de progresso, em qualquer nível, em qualquer plano; sejam as obras da grande inteligência, sejam as mais simples do cotidiano, são manifestações do espírito.

O Espírito Absoluto é algo abstrato, universal, e a história é a forma pela qual essa abstração universal se torna concreta.

A história é a revelação do homem, é a sua manifestação. Na medida em que a humanidade vai se manifestando, ela vai se conhecendo. E quanto mais se conhece, mais se realiza enquanto humanidade.

A história, na medida em que é concretização e revelação do espírito, também é autoconhecimento e autoconscientização da humanidade.

Para tornar mais concretas as manifestações do espírito, Hegel afirma que o espírito absoluto se objetiva no espírito de uma época, de um tempo histórico. Nas manifestações mais expressivas do homem e da cultura medieval ou contemporânea, encontramos o espírito da Idade Média ou do homem atual.

O espírito, para Hegel, seria uma abstração, se não fosse a história. Ela é necessária para que o espírito se faça. Passa do ser em si para um ser por si.

“O historicismo hegeliano concebe a história como a exposição do Espírito (Razão ou Logos) num processo que leva ao autodesenvolvimento e ao autoconhecimento”.¹

É pela dinâmica do “espírito do povo” que os seres humanos particulares podem dar passos concretos na direção da efetiva realização do “espírito do mundo”. “Na história mundial” – assegura Hegel – só contam os povos que constituíram Estados”. (...) “Para sustentar essa tese – encarada hoje com compreensível consternação pela imensa maioria dos antropólogos – Hegel alega que os povos sem Estado são ‘povos sem história’: permanecem demasiado próximo da natureza e não conhecem inovações significativas. A natureza não engendra o novo; só o espírito é capaz de engendrá-lo.”²

II - A VISÃO DE HEGEL SOBRE A AMÉRICA LATINA

A visão que Hegel tem da América Latina é da mais retrógrada³ possível. Só podemos tentar compreendê-la dentro de algumas premissas. Primeiramente : até o século XVIII, a ótica européia só percebia uma América tal como a viram ou a encontraram os descobridores e conquistadores que aqui aportaram no século XVI. Ou ainda, influenciavam os seus escritos as leituras dos viajantes que con-

¹ Lezama LIMA, *A expressão americana*, p. 23.

² Leandro KONDER, *Hegel – A razão quase enlouquecida*, p. 80.

³ É evidente que quando mencionamos um retrocesso na leitura de Hegel sobre o continente latino-americano, façamo-nos entender : não estamos de forma alguma menosprezando o aspecto revolucionário do seu pensamento como instrumento da libertação alemã, mas reforçando o equívoco em que ele incorreu (consequência do seu pensamento europeizante) quando negligenciou a alteridade de um povo que se situava na periferia de um espaço eurocêntrico.

cebiam o homem americano como imaturo, débil e inferior em força e capacidade com relação ao europeu. Os americanos “vivem como meninos” – diz Hegel – e neles o espírito está ausente.⁴

Para o “velho mundo” o “novo mundo” compunha um presente mas não um passado de civilização e cultura.

Era uma realidade intocada diante da qual o europeu se encontrava estupefato e sobre a qual começou a pesquisar a priori com farta fantasia e intolerância.

Em segundo lugar, o filósofo é expressão concretizada num tempo histórico. Sua visão de mundo é forjada pelas manifestações culturais da época em que vive. Ele é aquele que capta o espírito de seu grupo social ou de seu povo ou da humanidade, numa época, e explicita essa experiência ou essa percepção histórica.

Quando o filósofo alemão escreveu “Lições sobre Filosofia da História Universal”, encontrava-se embebido por uma determinada tradição da cultura eurocêntrica e, mesmo, germânica: “(...) se Hegel considerava a Europa como ‘absolutamente o termo da História Universal’ fazia coincidir esse termo (como perfectibilidade) com o mundo germânico...”,⁵ ou ainda, “... na sua divisão da História Universal, previsivelmente, é o mundo germânico a forma por excelência que se apresenta como “o império do verdadeiro espírito ...”⁶

Segundo Lezama Lima: “Hegel descartou a América da sua concepção da História Universal (‘a exposição do espírito, de como o espírito opera para chegar a saber o que é em si’), colocando o continente como uma possibilidade, um futuro. Anotou a sua imaturidade e impotência, especialmente da América católica, menos apta para realizar a Idéia da Razão. Sobre os indígenas, Hegel referiu a sua submissão e servilismo, além da sua condição de crianças – o que obrigava os jesuítas a prescrever-lhes os deveres diários: ‘(...) a media noche, un fraile tocaba una campana para recordar a los indígenas sus deberes conyugales. Estos preceptos han sido muy cuerdaamente ajustados – primeramente hacia el fin de suscitar en los indígenas necesidades, que son el incentivo para la actividad del hombre”.⁷

⁴ Estuardo NÚÑEZ, O elemento latino-americano em outras literaturas, In *América Latina em sua literatura*, p. 101.

⁵ Lezama LIMA, *A expressão americana*, p. 36.

⁶ Id., *Ibid.*

⁷ Id., *Ibid.*, p. 73.

A posição eurocêntrica da sua construção histórico-dialética – nas “Lições” é refletida em formulações que descartam aprioristicamente o mundo americano com a sua excentricidade humana e natural, com os seus extraordinários bichos, índios e flora.

No bojo do panorama da sua História Universal o novo continente era rejeitado como diferente e inoportuno, sem interesse para o filósofo.

Podemos focalizar o discurso de Hegel sobre a América dentro de três perspectivas : num enfoque geográfico – América é, para Hegel, física, orgânica e antropologicamente deficiente e imatura : as ilhas, as montanhas, os rios, a flora e a fauna e, mesmo, o homem – tudo acusa debilidade. Diz que a natureza não faz milagres; quando é imatura, só pode dar um espírito imaturo.

Do ponto de vista populacional a América está constituída por três raízes : indígena, européia e africana. Afirma que o índio tem alma, vida sensível mas carece de espírito. Seu pequeno talhe está na medida de seu espírito. Quanto ao africano dedica poucas linhas destinadas a reforçar a impotência e a incapacidade do indígena, como podemos sentir nessa passagem : “...Las debilidades del carácter americano han sido la cusa de que se hayan llevado a America negros, para los trabajos rudos”.⁸

Em relação aos criollos, nascidos da mescla dos índios com espanhóis / portugueses, são os únicos que possuem sentimento e desejo de independência. São eles que dão o tom nas colônias. Considera-os arrogantes visto que a nobreza, a magnitude do caráter espanhol não emigraram para a América ou se perderam no processo de miscigenação.

Sob uma ótica cultural, Hegel considera o mundo aborígene com uma cultura natural destinada a desaparecer ao primeiro sopro da atividade européia. “Estos pueblos de débil cultura perecem cuando entran en contacto con pueblos de cultura superior y más intensa. En los Estados libres de Norteamérica, todos los ciudadanos son emigrantes europeos, con quienes los antiguos habitantes del país no pueden mezclarse”.⁹

Hegel faz uma distinção importante entre as Américas : “Comparemos, empero, la América del Sur (incluyendo en ella a Méjico) con la América del Norte y percibiremos un extraordinario contraste”.¹⁰

⁸ F. HEGEL, *Lecciones sobre filosofia de la história universal*, p. 44.

⁹ Id., *Ibid.*, p. 42.

¹⁰ Id., *Ibid.*, p. 46.

A cultura importada é um reflexo da Europa. A América setentrional, colonizada por anglo-saxões, é laboriosa, religiosamente livre e politicamente federal. Predomina a grande propriedade, o crescimento da agricultura e da indústria. A população se desenvolve sob uma ordem civil e num clima de liberdade. Surgiu nesse país uma tendência ao trabalho organizado, ao bem comum expresso na formação do Estado. A religião protestante fomentou entre eles uma confiança mútua alicerçada numa vida austera, regrada, digna, conforme os rígidos preceitos do protestantismo.

Já a América meridional conquistada por espanhóis e portugueses é burocrática, catolicamente submetida e politicamente sujeita a troca de ditadores. Entre os católicos não existe uma base de confiança mútua, pois nos assuntos profanos domina a violência e a submissão voluntária.

A esse respeito Lezama Lima comenta que : “Nas poucas páginas que Hegel dedicou ao Novo Mundo nas suas Lições, é notória a sua visão negativa do catolicismo, o qual aponta como a causa do caos político, da não estabilidade das instituições e da violência na América do Sul daqueles anos (que eram os das guerras de Independência). Os católicos, pensa Hegel, não desenvolveram aquela ‘confiança mútua’ que entre os protestantes fomenta a ética do trabalho e a moralidade nas relações sociais. Conseqüentemente, essa América parecia pouco apta para o florescimento da razão e da liberdade, condição para a exibição do Espírito (...) Nas Lições, depois de anotar sumariamente os distúrbios causados pelo catolicismo na América do Sul, Hegel contrasta-o com o protestantismo da América do Norte. Mas nem este se salva ali. Observa que, se bem essa fé fomentou ali a ética do trabalho, em troca relaxou-se espiritualmente, permitindo a ‘vigência do sentimento’ e uma caprichosidade visível na proliferação de seitas. Nestas, acrescenta, os serviços religiosos descambam para ‘o êxtase’ e até para ‘os desenfreios sensuais’. ‘Na América do Norte reina o maior desenfreio nas imaginações’ – arremata Hegel, comparando o delírio desse protestantismo (leia-se : o anglicano-puritano) com a unidade religiosa firme e substancial do protestantismo europeu (leia-se o germânico)”¹¹

Assim, apesar das ressalvas, os elementos que se estabeleceram na América do Norte são mais distintos que os da América do Sul.

Concluindo, nos aspectos acima citados, Hegel também leva em conta o fator histórico : a América não tem passado, tampouco presente. Está ausente no cenário dos povos históricos. O que acontece

¹¹ Lezama LIMA, *A expressão americana*, p.5-36.

aqui não é mais do que um eco do velho mundo e reflexo de vida alheia.

Por conseguinte, “América é o país do porvir”.¹² E assim sendo não lhe interessa; pois o filósofo não faz profecias. Ser futuro, para Hegel, é ser bem pouca coisa. O futuro é o horizonte do irreal, do que pode ser, frente ao qual o filósofo se mostra ascético.

De qualquer maneira, Hegel crê a priori, que a zona tórrida é igual às polares, não são espaços adequados para que neles desenvolva a História.

III - A QUESTÃO DO OUTRO

Empenhado a contestar a análise hegeliana sobre a América Latina, Lezama Lima tece em sua obra *A Expressão Americana* uma “visão histórica direcionada não pela razão – que só leva a um dever ser – mas por um outro logos : o logos poético. Daí a proposição de um ‘contraponto de imagens’ – atividade metafórica por excelência – que permite apontar o poder ser (a Imago) e abranger, contrariamente ao logos hegeliano, a multiformidade do real, sem as construções de um a priori rígido ao qual todos os fatos devem submeter-se”.¹³

Hegel exclui a natureza por considerá-la sem atividade, estática, a-histórica, sem espírito; uma vez que essa abstração universal se concretiza na história.

Já para Lezama Lima, que introduz a espiritualidade na natureza, a cultura surge quando o espírito é revelado pela mesma.

Hegel, como um bom filósofo montado em cima da lógica aristotélica de pensamento para construir sua mensagem escritural, seu edifício sistêmico, seus conceitos, desdenhará a América reduzindo-a à Natureza.

Na descoberta da América o eurocentrismo do filósofo leva-o a dizer que a cultura dos indígenas era inteiramente natural e necessariamente naufragou quando o espírito se aproximou dela.

Quem sabe por falta de maiores informações, o pensador, ao analisar o continente americano, não levou em conta todo o quadro cultural das organizações costeiras e andinas.

¹² Fernández Cesar MORENO, *América Latina em sua literatura*, p. 15.

¹³ Lezama LIMA. *A expressão americana*, p. 23.

Com efeito, para os europeus do início da Idade Moderna, recém-ingressos na época do Renascimento, o Novo Mundo “descoberto” pelo obstinado Colombo devia-se-lhes afigurar um “país de selvagens”. Dizer que a América, tanto a do Sul quanto a do Norte, é uma criação da Europa significa ter uma visão falseada da realidade histórica dessa parte do mundo, implica conceber a história dos povos colonizados exclusivamente em função do colonizador europeu.

O espanto e a estranheza dos conquistadores da América explicam-se, se for relevado o ambiente cultural com que se depararam ao ampliarem e aprofundarem a conquista. Vindos de sociedades em que o capital mercantil começava a se tornar dominante, em que se realizava a passagem de uma economia feudal para uma de tipo capitalista, os primeiros conquistadores depararam com uma América em que predominavam regimes de comunidade primitiva, em desintegração, é verdade, mas em que era desconhecida a propriedade privada da terra e o trabalho era coletivo. Egressos de estados em processo de centralização monárquica, os europeus encontraram aqui comunidades em que o poder político confundia-se com a autoridade moral / religiosa do chefe supremo. Tendo em vista o aumento da religiosidade com a Reforma, não é de estranhar que causassem escândalo aos padres católicos as práticas religiosas “primitivas” dos indígenas americanos, como as “guerras floridas” dos astecas.¹⁴

Dessa forma, o conceito que Hegel tinha da América e dos americanos – quase trezentos anos após a conquista – espantosamente, ainda era norteado pelas primeiras impressões que os conquistadores / missionários / viajantes forneceram.

A dificuldade dos europeus em compreender “o outro” fica patente quando se lêem as descrições e opiniões emitidas por eles a respeito dos índios. De um modo geral, foram poucos os que conseguiram perceber que o que estava ocorrendo era um encontro de duas civilizações diferentes. A maioria, mesmo os defensores dos índios, considerava-os bárbaros, sem cultura, não-civilizados, “povos a-históricos”.

Se contrapusermos as visões de Las Casas (“bom” julgamento) e Sepúlveda (“mau” julgamento) – séc. XVI, com a de Hegel, séc. XIX – notaremos que todos eles não aceitam a alteridade; apesar das opiniões opostas entre os dois primeiros.

¹⁴ Guerras que tinham por objetivo obter prisioneiros destinados aos sacrifícios nos rituais em louvor às divindades.

A diferença se degrada em desigualdade. “Sepúlveda acha que a hierarquia, e não a igualdade, é o estado natural da sociedade humana”.¹⁵ Segundo Ele : “(...) os mais poderosos e perfeitos dominam os mais fracos e os mais imperfeitos (...) Em prudência como em habilidade, e em virtude como em humanidade, esses bárbaros são tão inferiores aos espanhóis quanto as crianças aos adultos e as mulheres aos homens; entre eles e os espanhóis há tanta diferença quanto entre gente feroz e cruel e gente de uma extrema clemência (...) E será sempre justo e de acordo com o direito natural que essas pessoas sejam submetidas ao império de nações mais cultivadas e humanas...”.¹⁶ Esses argumentos implicam que não se reconhece plenamente ao outro o estatuto de humano, simultaneamente semelhante e diferente. “Ora, a pedra de toque da alteridade não é o “tu” presente e próximo, mas o “ele” ausente ou afastado”.¹⁷

Las Casas enfoca o encontro das culturas sob outro viés : “(...) não há nações no mundo grosseiras, incultas, selvagens e bárbaras, rudes ou cruéis e tolas que sejam, que não possam ser persuadidas, conduzidas e encaminhadas para a ordem e a civilização (...) Não há no mundo nação tão dócil nem menos refratária, nem mais apta ou mais disposta do que estas a receber o jugo de Cristo (...) Os índios são tão doces e tão decentes que, mais do que outra nação de todo o mundo, estão inclinados e prontos a abandonar a adoração de ídolos e aceitar (...) a palavra de Deus e a pregação da verdade”.¹⁸

O dominicano constata que : “os índios já possuem traços cristãos e que aspiram ao reconhecimento de sua cristandade um tanto quanto ‘selvagem’ (...) O traço mais característico dos índios, segundo Las Casas, é sua semelhança com os cristãos”.¹⁹

Acreditando no ideal do ‘bom selvagem’, Las Casas escreve, a propósito de um índio : “Tinha a impressão de ver nele nosso pai Adão, no tempo em que vivia no estado de inocência”.²⁰

Las Casas contenta-se em observar que se os nativos eram extremamente simples, pacíficos, humildes, amáveis, sem malícia, é porque tinham uma moral cristã. Convencido da universalidade do

¹⁵ Tzvetan TODOROV, *A conquista da américa*, p. 149.

¹⁶ Id., *Ibid.*, p. 150.

¹⁷ Id., *Ibid.*, p. 154.

¹⁸ Id., *Ibid.*, p. 160.

¹⁹ Id., *Ibid.*, p. 160.

²⁰ Id., *Ibid.*, p. 161.

espírito cristão, adota uma posição de igualdade entre índios e espanhóis; descartando-os como seres inferiores. “Se é incontestável que o preconceito da superioridade é um obstáculo na via do conhecimento, é necessário também admitir que o preconceito da igualdade é um obstáculo ainda maior, pois consiste em identificar pura e simplesmente, o outro a seu próprio ‘ideal do eu’ (ou a seu eu)”.²¹

Na ideologia assumida por Las Casas, “o postulado de igualdade acarreta a afirmação da identidade, e a segunda grande figura da alteridade, ainda que incontestavelmente mais amável, leva a um conhecimento do outro ainda menor do que a primeira”.²²

Por ocasião da chegada dos espanhóis, não havia no istmo reinos indígenas importantes. A região era um mosaico de pequenas confederações tribais. Todavia, os conquistadores depararam-se também com sociedades de organização mais complexa, como é o caso das Civilizações Inca e Asteca.

Imbuídos da noção de substância / centro / alma / próximo / igual, os europeus devem ter experimentado um sentimento contraditório : fascinados, viam-se magnetizados diante do novo; mas, empanturrados de preconceitos – hábitos intelectuais tendenciosos e etnocêntricos –, olhavam com repulsa essa cultura alheia que aparecia como inquietante, sensual e ameaçadora.

Os conquistadores – oriundos de um universo onde o sistema reconhecia posições explícitas e definidas, assim como poderes controlados, conscientes e aprovados – deparavam-se com um sistema ambíguo e hesitante, com poderes incontroláveis, inconscientes e perigosos.

Desse modo, tudo que parece anômalo, desestruturado, tudo o que está a meio caminho entre o que é próximo e predizível e o que está longínquo e fora de nossas preocupações, tudo o que está, simultaneamente, em nossa proximidade imediata e fora do nosso controle, é germe de insegurança, inquietação e terror : converte-se imediatamente em fonte de perigo.

Hegel acredita que os índios estão demasiado próximos à natureza para que neles o espírito se desenvolva. Todavia, para que uma cultura se afirme como cultura, há a necessidade lógica de ela opor-se à natureza. Agora, para uma cultura particular reconhecer-se como específica, ela precisará afirmar sua individualidade, opondo-se à outra cultura alheia. Assim, Hegel marginalizará a cultura americana como vinculada à natureza, reconhecendo na européia a única legítima, absoluta e universal.

²¹ Id., *Ibid.*, p. 162

²² Id., *Ibid.*, p. 164

BIBLIOGRAFIA

- HEGEL, F. *A fenomenologia do espírito. Introdução à história da filosofia*. São Paulo : Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).
- . *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Tradução José Gaos. Madrid : Aliança, 1989.
- IANNI, O. *Revolução e cultura*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1983.
- KONDER, L. *Hegel - A razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro : Campus, 1991.
- LIMA, L. *A expressão americana*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- MORENO, F. C. *América Latina em sua literatura (intr.)*. São Paulo : Perspectiva. 1972.
- NUNEZ, E. O elemento latino-americano em outras literaturas. In : *América Latina em sua literatura*. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- SIGRIST, J. L. Subsídios de aula s/ Hegel ministradas na Unimep.
- TODOROV, T. *A conquista da América - a questão do outro*. São Paulo : Martins Fontes, 1988.